



Universidade Estadual da Paraíba

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS

WILKA CALIANE SILVA PASSOS

**REFLEXÕES ACERCA DO CORPO FEMININO NA NARRATIVA
FÍLMICA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DE SHREK.**

MONTEIRO-PB
2016

WILKA CALIANE SILVA PASSOS

**REFLEXÕES ACERCA DO CORPO FEMININO NA NARRATIVA
FÍLMICA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DE SHREK.**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas - CCHE da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de graduado na Licenciatura Plena em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes

MONTEIRO-PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P289r Passos, Wilka Caliane Silva.
Reflexões acerca do corpo feminino na narrativa fílmica contemporânea [manuscrito] : uma análise de Shrek / Wilka Caliane Silva Passos. - 2016.
42 p. não

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes, Departamento de Letras-Português".

1. Mulher - Beleza e feiúra. 2. Estética do corpo feminino - Corpo ideal. 5. Preconceito - sobrepeso. I. Título.
21. ed. CDD 801.959

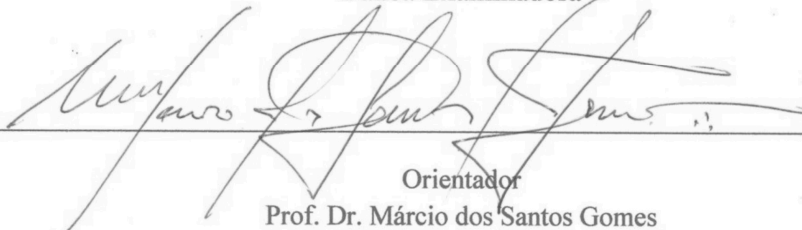
WILKA CALIANE SILVA PASSOS

**REFLEXÕES ACERCA DO CORPO FEMININO NA NARRATIVA
FÍLMICA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DE SHREK.**

Trabalho de conclusão do curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Exatas – CCHE da Universidade estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de graduado na Licenciatura plena de Letras-Português.

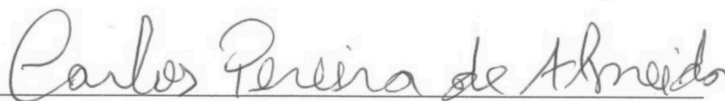
Aprovado pela banca examinadora em 31/05/2016

Banca Examinadora

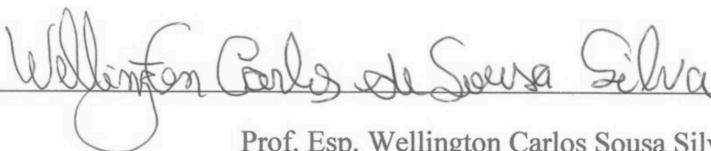


Orientador

Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes



Prof. Ms. Carlos Pereira de Almeida



Prof. Esp. Wellington Carlos Sousa Silva

Dedico este trabalho a minha família que sempre esteve me apoiando no curso de graduação em Letras-Português, em especial a minha mãe pela força e preocupação durante toda a minha vida e todo o amor dedicado a mim, sem dúvida alguma, foi esse amor que a cada dia me deu forças para que eu pudesse chegar ao fim.

Agradecimentos

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, meu socorro presente na hora da angústia e por ter me dado forças para continuar nessa longa jornada, me dando saúde e força para superar as dificuldades, por esse sonho realizado e pelo dom da vida, podendo assim, usufruir a mesma.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro no horizonte superior, através da confiança, pelo mérito e ética, aqui presentes.

Ao meu orientador Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas orientações, paciência e correções deste trabalho.

Agradeço também, aos meus professores que no decorrer da minha vida me ensinaram e me mostraram o quanto é bom estudar e contribuíram para minha formação.

A minha família pelo apoio ofertado para a conquista do término da graduação, e em especial a minha mãe pelos incentivos, amor e carinho para que eu pudesse concluir os meus estudos, visando um futuro melhor.

Agradeço a participação da minha irmã e colega de turma Wilma Celiane Silva Passos pelo companheirismo na minha vida, e nas atividades acadêmicas, e ao meu esposo Diego Fernandes dos Santos pelo companheirismo, apoio e compreensão.

E a todos que direto ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Só um lembrete...

A vida é o dever que nós trazemos
para fazer em casa.

Quando se vê, já são seis horas!

Quando se vê, já é sexta-feira...

Quando se vê, já terminou o ano...

Quando se vê, perdemos o amor da nossa vida.

Quando se vê, já se passaram cinquenta anos!

Agora é tarde demais para ser reprovado.

Se me fosse dado, um dia, outra oportunidade, eu nem
olhava relógio.

Seguiria sempre em frente e iria jogando, pelo caminho, a
casca dourada

E inútil das horas.

Mário Quintana

RESUMO

Este trabalho visa estudar a relação existente entre a beleza e a feiúra em relação a mulher na contemporaneidade. O que é ser bela, e o que é ser feia no tempo moderno, a qual vivemos? No entanto, a sociedade nos tempos atuais enxerga a feiúra como desleixo que a mulher tem com seu próprio corpo, tal desleixo está vinculado primeiramente ao excesso de peso, e logo em seguida, a aparência visual. Pode-se dizer que a feiúra e o sobrepeso é uma das mais presentes formas de exclusão social feminina, as pessoas que se enquadram nesse perfil, por muitas vezes se auto excluem de seus grupos de amigos, por não se encaixarem no atual perfil da sociedade, uma sociedade muitas vezes machista, e como por obrigação, todas as pessoas devem ser malhadas, magras, belas e estarem sempre vestindo roupas de grife, para estarem de fato, na moda e incluso na sociedade.

Palavras-chave: Mulher, beleza, feiúra, corpo ideal, preconceito.

ABSTRACT

This work aims to study the relationship between beauty and ugliness in relation to the contemporary woman. What is to be beautiful, and what is it to be ugly in the modern time, which we live? However, the society nowadays sees the ugliness as sloppiness that the woman has with her own body, such carelessness is primarily linked to being overweight , and soon after , the visual appearance . It can be said that the ugliness and overweight is one of the most present forms of female social exclusion, people who fit this profile, often self exclude their group of friends, for do not fit in the current profile of the society, often male chauvinist, and as per requirement, all people should be fitness, thin, beautiful and are always wearing designer clothes, to be actually fashionable and included in society.

Keywords: Woman , beauty, ugliness, ideal body , prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO I- CORPO E SOCIEDADE: A CULTURA DA MÁSCARA E A NEUROSE SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE O CORPO	14
1.1- A ESTÉTICA DO CORPO FEMININO.....	14
1.2- A BUSCA PELA FELICIDADE	19
2.CAPÍTULO II- O OLHAR HUMANO SOBRE O CORPO.....	25
2.1–SHREK, O FILME	30
2.2 – SHREK E A TENTATIVA DE PADRONIZAÇÃO DOS INDIVÍDUOS.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Esse trabalho busca, a partir de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, discutir o binômio beleza/feiúra na contemporaneidade focalizando em especial o conceito de corpo. Interessa-nos, em especial, investigar e discutir qual a relação existente entre corpo e mulher no que se refere especificamente à construção de um ideário de felicidade. Para isso levamos em consideração, em especial, os estudos realizados por Joana de Vilhena Novaes.

A discussão proposta pela autora em especial em seu texto intitulado *O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos*, resgata alguns conceitos desenvolvidos por três teóricos específicos em três textos principais: "A dialética do esclarecimento", de Theodor Adorno e Max Horkheimer, "O mal-estar da civilização", de Sigmund Freud e "O mal-estar da pós-modernidade" de Zygmunt Bauman que serão importantes para a discussão que propomos, de que também nos utilizaremos para focalizar a relação entre corpo e beleza na contemporaneidade a partir da análise do filme Shrek.

Essa pesquisa tem por objetivo, construir uma reflexão da função do corpo na contemporaneidade, especificamente no cinema, e descrever de que forma esse veículo midiático põe em questão os comportamentos de padrões femininos contemporâneos. Parte-se do pressuposto, a partir da leitura de Novaes (2013) baseada em Adorno, de que o cinema influencia os padrões de comportamento das mulheres ao fornecer modelos corporais ideais suscitando no público um desejo de adequação desse ideal.

Segundo a autora, a indústria cultural impõe seus padrões de gosto e de beleza sujeitando o indivíduo a escolhas pré-concebidas pelos engenheiros das indústrias de bens de consumo não deixando o exercício do livre-arbítrio no consumo de bens, produtos e padrões de comportamento. O caso típico de veículos midiáticos que exercem essa imposição de modelos de beleza são o cinema e a tv.

No primeiro capítulo, propomos primeiramente, resgatar aspectos históricos da relação espectador/filme que fazem com que esses sejam influenciados ao consumo de bens e produtos supérfluos e, por conseguinte, a construir estilos de vida baseados numa cultura de consumo, do culto ao corpo e cirurgias plásticas visando a um modelo de perfeição veiculada pela mídia.

Refletiremos também, a respeito das conseqüências para o sujeito do ponto de vista psíquico da superexposição a padrões de consumo e de modelos de beleza estereotipados definidos pela indústria da cultura, em especial cinematográfica, que desencadeiam no sujeito

angústia depressão e ansiedade. Para isso falaremos um pouco do que Freud havia proposto em seu texto *O mal estar na civilização*.

O corpo passou a ser assunto principal em diversas pautas e redes sociais, juntamente com a moda visual, também passou a ter a moda corporal, em que os indivíduos, em específico as mulheres passaram a também entrar no processo do corpo da moda, que a ditadura da beleza nos ilude e ao mesmo tempo incentiva ao consumo de medicamentos, dentre os mais variados cosméticos e processos estéticos para a conquista de corpo da moda, que é o corpo magro, malhado, desenhado, não havendo a importância e os cuidados necessários para se obter o tal corpo, e a lei do custo o que custa, até mesmo ultrapassar a lei da gravidade, com o único intuito que muitas vezes, não é em nome da saúde e sim da beleza, para mostrar a sociedade que você também está bem consigo mesma.

Contudo, a feiúra que está ligada às mulheres, concerne em si, ao corpo. Seja ela, em relação à obesidade, ou outros fatores estéticos ligados a beleza, como já citamos anteriormente. As mulheres lutam consumindo compulsivamente por produtos e recursos estéticos que retardem cada vez mais, e melhor o envelhecimento do corpo, a qual, o espelho tornou-se um dos maiores inimigos da mulher, além da balança.

A beleza tornou-se algo indispensável para a nossa sociedade. Porém, quando ocorre o insucesso na beleza, a maioria das mulheres passam por insultos e ofensas em relação ao seu corpo, em específico, por causa do sobrepeso.

Podemos perceber que a valorização da beleza vem desde os antigos clássicos dos contos de fada. Nos contos, os personagens são estereotipados, a exemplo, como as bruxas que são sempre velhas, feias, gordas e decadentes e são vistas como monstruosas. Logo, os personagens das princesas, são sempre meninas/garotas jovens, bonitas, magras e que os príncipes ficam enlouquecidos de amor por elas. Deste modo, as mulheres de modo geral, vêem esses contos de fada como espelho a ser seguido.

Entretanto, o príncipe e herói aqui em destaque é um ogro verde, feio e gordo chamado Shrek, que de início pode assustar as mocinhas, ele é um personagem que não se enquadraria na linha convencional de príncipes considerados heróis, justamente por não se enquadrar na linha de beleza imposta pela sociedade.

A lógica de consumo passou a ser um modo de relação que estabelecemos com o nosso corpo. O nosso corpo tornou-se uma extensão do mercado de consumo com os produtos de beleza, medicações, dentre outros. A mídia de um modo geral, tornou-se um meio de comercialização de seus produtos para o consumo de produtos que melhorem a estética do corpo como um todo, é o que podemos chamar de culto ao corpo. O problema não está em o

não cuidar do corpo, devemos cuidar sim do nosso corpo, até porque acima de tudo é uma questão de higiene, saúde e bem-estar.

No segundo capítulo, faremos uma discussão a respeito do filme *Shrek*, focalizando em especial as categorias de enredo e de personagem. Utilizaremos aqui o conceito de *Paródia* de Linda Hutcheon a partir do qual procuremos demonstrar como ali os personagens procuram ironizar os modelos de consumo e os padrões de beleza na contemporaneidade a partir de uma nova perspectiva de abordagem do corpo e da beleza, que busca agora incluir um novo imaginário a respeito das questões em torno da mulher.

CAPÍTULO I - CORPO E SOCIEDADE: A CULTURA DA MÁSCARA E A NEUROSE SOCIAL: *REFLEXÕES SOBRE O CORPO*

Sabe-se que na sociedade contemporânea, o corpo tem se configurado cada vez mais como um dos principais fatores na construção dos modos de subjetividade de nossa época. Novaes (2013) relata que sobre essa construção incide o binômio saúde-beleza, no qual o segundo termo é o determinante, a saúde possui um padrão estético estabelecido que nos é apresentado como o caminho legítimo e seguro para a felicidade individual.

Partindo de Adorno e de Freud, Novaes aponta que o sentido normativo das mensagens veiculadas pelo cinema e pela tv que estimulam os cuidados com o corpo constroem na mente dos espectadores uma espécie de dever e uma obrigação. Surge então o culto ao corpo, a nova religião do indivíduo, onde cada um é, simultaneamente, adorador e adorado.

1.1 – A ESTÉTICA DO CORPO FEMININO

Segundo Novaes (2013), a fabricação da beleza pela indústria cultural transforma o corpo em um objeto de trabalho extenuante, ao qual é preciso submeter-se sem reservas. O sujeito sofre a pressão por sujeitar-se, por adequar-se, por corresponder a isso que vem de fora que lhe coage a proceder em favor da construção desse corpo-ideal. Nesse sentido, a relação da aparência “feia” com essa rede de expectativas comuns geradas pela mídia acerca da beleza passa a ser problematizada, na medida em que se constroem, cada vez mais, formas de sociabilidade normatizadas por ideais de aperfeiçoamento de um físico “belo”.

Novaes (2013) aponta ainda que, se historicamente as mulheres preocupavam-se com sua beleza, hoje elas são responsáveis por ela, ou seja, a beleza tornou-se um dever social. Para as mulheres, ser bonita é uma obrigação que passa a depender unicamente e exclusivamente de seu esforço pessoal. Ser bela adquire assim o caráter de um dever moral. A argumentação de Novaes aponta para a seguinte conclusão: o fracasso não se deve mais a uma impossibilidade mais ampla, mas a uma incapacidade individual, ou seja, se a mulher não é bela é por sua culpa, por seu desleixo, por sua preguiça.

Outro aspecto da questão apontado por Novaes é que a partir do desenvolvimento de exercícios corporais, os indivíduos na contemporaneidade foram submetidos a uma educação corporal, aprendizado cada vez mais rigoroso e muitas vezes, contraditório. Criou-se uma obrigação do conhecimento do funcionamento do próprio corpo, o que trouxe ao mesmo

tempo um excessivo controle sobre o mesmo, induzindo a uma relação não apenas de inquietude e ansiedade, como também de inadequação, angústia e impotência. O paradoxo parece ser claro: longe de dominar seu corpo, a mulher de hoje é, cada vez mais, por ele dominada e, à medida que tenta aproximar-se de sua imagem, distancia-se cada vez mais daquilo que ele é.

Incentivadas pela indústria da cultura de plástico e do consumo de próteses, milhares de mulheres ficam presas a diversas frustrações e vão às clínicas para fazerem cirurgias, essas investem em novas descobertas para transformar o corpo das mulheres, incluindo atividades físicas, onde profissionais de beleza usam e abusam de cosméticos para retardar o envelhecimento para obter o tão sonhado corpo.

Segundo Novaes (2007), para alguns indivíduos, o corpo se torna uma obra de arte, análoga a uma tela em branco, transformando-se em um registro vivo, onde são inscritos afetos, emoções, representações da história, da vida, de seu tempo e de sua dor, como as tatuagens, piercings, escarificações, suspensão, dentre inúmeras outras. Para outros, o corpo é assimilado a uma vestimenta, que deve apresentar um perfeito caimento, independente da necessidade de retoques para melhoria dos detalhes.

Nesse contexto, o corpo feminino tornou-se uma espécie de objeto que a qualquer momento pode mudar, passível de ser adequado a depender da situação, não havendo uma forma definitiva. Sobre ele incidem constantes pressões de modificação para se construir novas pseudo-identidades.

Nesse contexto apesar das modificações que o corpo tem sofrido na contemporaneidade, os conceitos de belo e feio ainda permanecem como fatores determinantes para se construir um juízo a respeito de um sujeito. Logo, o julgamento a respeito de beleza e de feiúra de um corpo específico que antigamente se dava ao levar-se em consideração fatores sociais, políticos e culturais, foi sendo modificado ao longo de muitos anos, em favor do fator estético/performático que se tornou fator determinante de julgamento a respeito do próprio sujeito.

A estética do corpo é historicamente e socialmente construída, mas esconde na verdade uma falta, os cuidados que as mulheres mantêm com o corpo lhes fornecem meios de uma maneira de enfrentar e demonstrar a sociedade uma aparência de felicidade, o que as dota de meios de enfrentar o julgamento, o olhar crítico alheio. Disciplinar o corpo é também forma conseguir o reconhecimento da sociedade. Dito de outra forma, é a partir do olhar do outro que somos julgados, portanto, pelo que aparentamos ser, não pelo que somos e, em especial as mulheres, quando são colocadas na condição de objeto sexual responsável por sua

aparência física e a serem obrigadas a construir um corpo perfeito por meio de dietas, exercícios físicos e as mais variadas metodologias de beleza, que se possa encontrar no mercado de consumo da beleza. Partimos do pressuposto de que a idealização do corpo é, na verdade, um efeito da idealização da felicidade.

No entanto, é errôneo dizer que toda mulher só é feliz se tiver um corpo escultural igual ao seu ídolo, nem toda felicidade está vinculada somente ao corpo, uma vez que existem diversas maneiras de lidar com o desejo de felicidade. Mas, um corpo magro, belo e acima de tudo jovem, tornou-se um mandamento a ser seguido na sociedade contemporânea, principalmente em relação às mulheres.

A relação com o nosso corpo parece estar sendo radicalmente modificada pelo acesso fácil a diversos recursos ligados à boa forma, criando cada vez mais uma exaltação e supervalorização de culto ao corpo. Os limites do corpo são extrapolados, muitas vezes com o auxílio da tecnologia, no esforço imitativo de modelos quase super-reais, ou de difícil conquista, que apenas com dieta não se consegue atingir, mas somente por meio da cirurgia estética, poderá ser alcançado.

O corpo é em sua característica fundamental-natural visto como defeituoso na contemporaneidade, pois precisa ser melhorado, ampliado, ajustado e modificado, e em muitos casos até mesmo criado. O corpo é como um papel em branco, que pode ser desenhado e até mesmo moldado da maneira que o indivíduo deseja, porém, sem deixar de se adaptar às significações sociais. Essa é a idéia que a grande mídia procura massificar.

Para isso, o mercado oferece condições técnicas necessárias para que homens e mulheres possam administrar seus corpos da maneira que lhes convir, mas não podemos deixar de citar que somos persuadidos a alcançar a aparência desejada com os meios de comunicação que oferecem feitos milagrosos, oferecendo os serviços de estética com rapidez, sem dor e efeitos instantâneos.

O início do século XX, foi marcado pelo processo de supervalorização ao corpo, também surgem os alimentos light, e com a necessidade que as pessoas têm em pensar que com o consumo desses alimentos, irá de fato surtir algum efeito extraordinário em seu corpo. O ser humano acaba sendo afetado pelas informações que esses produtos oferecem, sejam nos supermercados, drogarias, etc. Há uma gama de variedades em que podemos ter acesso fácil a esses produtos.

Em seguida, surgem os discursos sobre a saúde e a estética, que parecem indissociáveis, e sempre nos levam ao discurso dos cuidados para com o corpo, mas, devemos

ter cuidado com essa exacerbação de culto ao corpo, para não passarmos para o estágio de uma neurose.

O corpo é encarado nos dias atuais como uma ferramenta, a qual deverá servir como aporte para as produções oferecidas pela sociedade, essas produções enxergam o corpo como um consumidor assíduo de alimentos e bens de consumo voltados à praticantes de esportes, e às pessoas. Nesse contexto, precisam ter um corpo devidamente correto e adequado às exigências de uma sociedade contemporânea que a cada dia, exige mais do público feminino. Ao exigir-se a busca da perfeição da aparência corporal, acaba-se por recorrer a camuflagem afirmando que é pela saúde. Quem não se adequa a esse padrão de beleza centrada no corpo é visto como feio/feia. Como cita Joana Novaes (2013):

A relação de dominação verificada no âmbito corporal dá-se no sentido do indivíduo em relação ao seu corpo, e não o inverso. Cabe ao sujeito a responsabilidade no agenciamento de si, determinando, vigiando, balizando e observando suas próprias ações e o seu comportamento. No novo cânone, o corpo grotesco é interpretado como monstruoso, horrível e disforme, uma vez que espelha o retrato de uma sociedade na qual o seu pertencimento estava atrelado ao registro social, em vez do privado. Pouco a pouco, o corpo grotesco vai perdendo espaço para esse corpo que é perfeitamente acabado e rigorosamente delimitado, fazendo com que suas funções, anteriormente valorizadas, tornem-se, agora, objeto de pudor e sejam privatizadas. (NOVAES, 2013, p.54-55)

As atribuições do corpo ligado ao belo e a feiúra, voltados aos critérios estéticos, estão ligados intrinsecamente aos fatores sociais, culturais e políticos. O corpo é o suporte do próprio sujeito, em que se define a partir dos seus costumes. O corpo é quem recebe todas as sensações que sentimos no decorrer de nossa vida, sejam elas: calor, frio, luz, sensações, dentre outros.

Os padrões de beleza são construções culturais que tem por objetivo organizar implicitamente e explicitamente, todos os outros corpos daquela cultura, havendo um corpo-modelo, a ser seguido.

Podemos dizer que os corpos foram e são controlados e, ao mesmo tempo, organizados por diferentes modelos, em momentos distintos. Na Idade Média até meados do século XIX, um corpo gordo e forte, era valorizado. No entanto, com o surgimento da nova classe, a burguesia, a partir dos séculos XVII e XVIII, o padrão de estética corporal feminino começa a ocorrer mudanças em seu aspecto individual, visando a saúde e o bem-estar. “È com

o surgimento dessa nova classe, a burguesia, emancipada da sujeição do poder feudal, que os indivíduos vão tomar posse de seus próprios corpos” (NOVAES, 2013, p.49)

Uma vez que nos últimos anos o papel da mulher perante a sociedade vem passando por diversas transformações, muitos fatores influenciaram nessas transformações, tais como a inserção da mulher mercado de trabalho, na luta pelos direitos igualitários, na luta do movimento feminista, incluindo a conquista do direito ao voto, dentre outros.

Porém, não foi sempre assim, antigamente as mulheres eram educadas pelos seus pais apenas para casarem, terem seus filhos, educá-los e cuidar da casa. O homem, por sua vez, era o responsável por trabalhar fora e sustentar sua família. A mulher era vista como submissa ao homem, não podendo opinar ou tomar decisões em relação a sua própria família, ou até mesmo ao trabalho remunerado.

Atualmente podemos perceber que houve uma grande evolução de inserção da mulher na sociedade, a mulher atualmente trabalha fora de casa, ocupar diversos cargos e funções. Seja em casa ou no trabalho, e nada impede da mesma cumprir com as obrigações da casa, cuidar dos filhos e marido.

Com isso, percebemos que houve um grande avanço da mulher perante a sociedade, conquistando cada vez mais espaço na vida e no mercado de trabalho, as mulheres vem exigindo de seus esposos e companheiros a divisão das tarefas domésticas e educação dos filhos, o que compete aos dois todas essas funções.

Com o avanço crescente do mercado de trabalho, as mulheres conquistaram e estão conquistando, cada vez mais espaço no mercado. No entanto, ainda não é suficiente, as mulheres ainda tem muito a conquistar, os homens ainda são mais valorizados do que as mulheres, seja no mercado de trabalho, em que seus salários são superiores ao das mulheres, e até mesmo o preconceito que as mulheres enfrentam no dia a dia com assédio sexual ou, por ser mães solteiras, a cor da pele, seu corpo (peso), dentre outros. Mas, a sociedade que tanto julga, aponta e ironiza, finge não ver que a mulher na atualidade, é chefe de família, de empresas e até mesmo chefe de uma nação. Esquecem que a mulher ocupa não somente uma função como o homem, mas sim, diversas e bem realizadas.

No entanto, o corpo moderno é visto apenas como uma fábrica de negócios, em que as pessoas, principalmente as mulheres consomem o que a mídia impõe e as carregam para si como verdades absolutas e concretas, a partir de mulheres super musculosas, com corpos esculturais.

[...] O advento do individualismo trouxe também a emergência de um pensamento racional e laico sobre a natureza, bem como o afastamento das

tradições populares. Com a ruptura da antiga solidariedade que integrava o indivíduo a uma coletividade e ao cosmos/natureza, por meio de uma rede de correspondência onde tudo se correlaciona, importantes modificações ocorrem nas formas de vínculo social. (NOVAES, 2013, p. 51)

Vendendo assim, todos os tipos de produtos ideais que tratem do corpo malhado, trabalhando a individualidade corporal, umas lutando contra as outras, para adquirirem o corpo da moda, a qual o individualismo é o que prevalece.

1.2- A BUSCA PELA FELICIDADE

O individualismo corporal passa a ser um domínio exclusivo de cada pessoa. Cabe a cada sujeito tornar-se controlador e responsável pelo seu comportamento.

Na obra *O mal-estar na civilização*, Freud mostra-se intrigado com a valorização da beleza pela civilização, ainda que esta não lhe proporcione nenhuma utilidade. No mesmo texto, o autor caracteriza a fruição da beleza como uma estratégia para buscar a felicidade. A essa fruição Freud dá o caráter de um “sentimento tenuamente intoxicante”. (NOVAES apud FREUD, 2013)

É preciso ressaltar que o controle exercido pelo olhar minucioso do outro em relação à beleza versus feiúra, é o que passa na contemporaneidade a determinar do que é adequado ou não, normal ou anormal.

O corpo, por sua vez, torna-se um motivo para maltratar as pessoas que sofrem por não ter um corpo dito como “padrão, bonito, desejado” e, por isso, pessoas que não se enquadram nesse perfil, servem como uma espécie de espelho, o qual não deve ser seguido, enfrentando julgamentos e expectativas por parte de uma sociedade dominadora.

As representações do que é ser belo vinculadas pela mídia, acabam por transmitir valores, discursos, saberes que indicam como devemos ser, indicando formas de pensar, sentir e conhecer o modo como deve-se agir e viver diante de uma sociedade preconceituosa.

Como tal, percebemos a importância de se trabalhar com desenhos e filmes infantis que tratam a realidade que vivemos, inserindo as crianças numa cultura que contribui na formação da identidade desses indivíduos.

Em *O mal-estar na civilização*, Freud (1929) expõe seus pensamentos diante da valorização da beleza pela civilização. O autor cita que “[...] a fruição da beleza tem uma qualidade sensorial peculiar, suavemente inebriante. Não há utilidade evidente na beleza, nem se nota uma clara necessidade cultural para ela, no entanto, a civilização não poderia dispensá-la”. (FREUD, 1929, p.27)

Entretanto, a sociedade tem seu peso no papel da busca da perfeição e das constantes transformações no corpo humano. Assim sendo:

É absolutamente inexecutável, todo o arranjo do Universo o contraria, podemos dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se acha no plano da “criação”. Aquilo a que chamamos “felicidade”, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente e represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico. Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isto resulta apenas em um morno bem-estar, somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado. (FREUD, 1929, p.21)

Pode-se dizer que a beleza é caracterizada como um objeto de desejo para se alcançar a felicidade. Para Freud a felicidade é algo momentâneo. A felicidade é algo que buscamos conquistar incansavelmente, mas que não alcançamos. Nesse texto, Freud destaca que não alcançamos a felicidade, pois temos um corpo que envelhece e adocece, pois, além disso necessitamos sempre de algo exterior à nossa vontade para nos satisfazermos, seja um objeto ou uma pessoa. No máximo, vivemos momentos felizes muito curtos e muito tênues. Somos fadados a essa busca que anda lado a lado com a busca da beleza e do corpo ideal.

Pode-se afirmar que a felicidade está atrelada ao gozo da beleza. A beleza leva às pessoas ao encantamento, ao que nos satisfaz enquanto ser humano. É tudo aquilo que agrada aos nossos olhos e ao nosso gosto, seja em relação ao corpo, as paisagens, ou simples objetos do cotidiano.

Compreende-se: a felicidade que se pode alcançar por essa via é a da quietude. Contra o temido mundo externo o indivíduo só pode se defender por algum tipo de distanciamento, querendo realizar sozinho essa tarefa. É verdade que existe outro caminho melhor: enquanto membro da comunidade humana, e com o auxílio de técnica oriunda da ciência, proceder ao ataque à natureza, submetendo-a à vontade humana. Então se trabalha com todos para a felicidade de todos. (FREUD, 1929, p.22)

O ser humano se submete, na maioria das vezes, ao seu descontentamento pessoal para agradar aos outros, para satisfazer a uma sociedade dominadora. A sociedade exige muito das mulheres.

As mulheres além de exercerem vários papéis e funções diante da sociedade, é como se fosse um dever, uma obrigação todas as mulheres serem magras, altas, loiras e ter olhos azuis ou verdes, para satisfazer à sociedade machista que cobra, mas não reconhece o devido valor que as mulheres têm. Infelizmente, isso acontece desde que o mundo é mundo,

no entanto, com a evolução da modernização o preconceito com a obesidade vem aumentando, logo, a mídia tem fator relevante para o crescimento desse tipo de preconceito.

E para evitar sofrer esse tipo de preconceito, as mulheres vem cuidando cada dia mais da estética corporal, realizando tratamentos estéticos, fazendo academia, como uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos que os outros fazem a respeito do corpo feminino. Todo investimento destinado ao corpo é uma maneira de evitar o olhar massacrante do outro, como se fosse pecado ou algo imoral nos dias atuais ser gordo.

Novaes citando Baudrillard (1970) menciona que a lógica social de consumo aponta para uma ideologia fundamentada no mito da felicidade e da igualdade. A matriz desse pensamento tem origem nos ideais de democracia, propostos pela Revolução Francesa, quais sejam: liberdade, fraternidade e igualdade. Contudo, tais preceitos caíram por terra, havendo uma apropriação desses ideais pela lógica de consumo, passando, então, os mesmos a funcionar como um equalizador das diferenças, caracterizando, assim, a sociedade contemporânea. (NOVAES, 2013, p.59)

Percebemos em nosso mundo real que tanto homens, quanto mulheres estão se desvinculando de suas origens, de suas histórias. É quando observamos o início da diferenciação vinculada à exclusão social das pessoas que não estão de acordo com o que a sociedade exige.

Para Novaes a história do corpo é compreendida em termos de funções históricas. Nossa percepção é baseada a partir dos nossos hábitos. Agimos no mundo através do nosso corpo, ele é a nossa forma de ser e estar, é a nossa forma de experienciar/experimentar. Assim:

Um dos pontos fundamentais é que o poder disciplinar é produto de individualidade, isto é, que o indivíduo é uma produção desse poder-saber. Esse é o caso, por exemplo, do fato de o hospício ser o dispositivo que transforma o louco em doente mental. Nesse sentido, o poder disciplinar não destrói o indivíduo, ele o fabrica. Assim, das técnicas disciplinares, que são técnicas de individualização, nasce um tipo específico de saber: as ciências humanas, cujas práticas constituem esse objeto que é o indivíduo e cuja lógica instituída seria adaptação e normatização dos corpos. (NOVAES, 2013, p.67)

No entanto, os discursos sobre o corpo sempre são carregados de intenções, mesmo que sejam ocultas, porém, nunca neutras. Como podemos constatar: “Uma vez que o corpo nunca é totalmente apreendido pelos dispositivos culturais que possibilitem sua submissão completa às expectativas sociais, a “feiúra” ou o “estranho” muitas vezes poderão ser tomados como

uma mensagem, cuja força reside, justamente, na sua surpreendente apresentação” (NOVAES, 2013, p.68).

As mulheres em sua maioria estão voltadas à construção de um corpo bonito, esse corpo envolve, não somente, a beleza facial, como também, a de um aspecto físico “sarado” com abdômen “trincado”, com membros avantajados, pensando em estar em consonância com a moda, e conseqüentemente, a busca de uma melhor saúde. Porém, essas pessoas esquecem de alimentar a alma.

Na contemporaneidade, o que é belo está intrínseco ao modo de viver da sociedade, por hora, impondo de maneira reguladora, a partir de contextos diários, e acima de tudo, a mídia que com sua persuasão convence o público para vender seus produtos cada vez mais ligados à beleza juvenil.

Contudo, podemos perceber que as pessoas, e principalmente as mulheres, estão a cada dia mais exigentes, e ao mesmo tempo individualistas. Cada uma procurando por si só, melhorar suas qualidades, custe o preço que custar.

Com isso, vem a mídia e todos os meios de comunicação com o seu poder de veiculação impor de certo modo, as pessoas a consumirem mais e mais, em especial as mulheres, já que são alvo fácil para o consumo de produtos de beleza, seguido com o sonho de realização do corpo com efeito imediato.

Aspectos aparentemente isolados da vida cotidiana têm como traço comum essa idéia. De forma subliminar, os meios de comunicação de massa difundem-na em termos de consumo: adquira determinado produto e realize seus sonhos de imediato. (NOVAES, 2013, p. 61)

Nós, seres humanos, adotamos a identidade dos produtos que consumimos como parte integrante para o corpo perfeito. Nos dias de hoje, pode-se dizer que o ser humano é um ser dotado apenas de aparência, um ser sem conteúdo, e que seu único conteúdo a ser exibido é o corpo. . Bem como cita Novaes:

No que se refere ao uso do corpo, os efeitos de tal exigência de imediatismo são particularmente marcantes: na busca da sensação de prazer e auto-estima, recorre-se a soluções milagrosas, cujas conseqüências, a médio e longo prazos, são desconsideradas. Nesse sentido, o uso de anabolizantes acelera o lento processo de preparação física em academias; cremes, massagens e pílulas garantem a modelagem do corpo de modo rápido, eficientes e sem sacrifícios, excessos alimentares são neutralizados com medicamentos e pílulas para eliminação de gordura [...] (NOVAES, 2013, p.62)

A imagem externa do ser humano passa a ter lugar de prioridade, havendo assim, uma inversão de valores. A sociedade veicula a ideia de que o mínimo de esforço possível é válido e suficiente para se obter o corpo tão desejado. Pessoas que não atingem o tão sonhado e desejado corpo, são consideradas e vistas perante a sociedade como fracassadas e feias quando não enquadram-se nesse perfil social. Como se o corpo perfeito e beleza, mostrassem o caráter de qualquer indivíduo.

Conforme Novaes são dois pontos fundamentais podem ser observados na sociedade contemporânea.

1. A dimensão de mudança na experiência temporal, na medida em que a imagem se associa à apreensão instantânea de conteúdos, como exemplificamos com relação às notícias jornalísticas.
2. Com a utilização dos meios de comunicação de massa como principal veículo de reprodução da sociedade de consumo, os ideais de subjetividade passaram a ser o maior produto a ser consumido. Quando se vende uma grife de biquínis ou um biquíni de grife, não está em jogo, sinaliza a autora, somente a aquisição do produto, mas o que se vende subliminarmente é o padrão corporal. (NOVAES, 2013, p.81)

Ainda, um terceiro ponto fundamental a ser tratado é citado: os meios de comunicação de um modo geral, em especial, a televisão na sua configuração da subjetividade contemporânea, segundo a autora.

A autora atenta para o fato de ser preciso enfatizar que o mecanismo de incorporação é marca inegável das patologias narcísicas e, certamente, não pretendemos transportá-lo diretamente ao campo da modelagem subjetiva imposta pelos meios de comunicação. Porém, entende que, no campo do fascínio hipnótico, um fenômeno semelhante, embora parcial, pode ocorrer, supondo que na apropriação fascinada de modelos televisivos entrem em jogo mecanismos muito próximos ao da incorporação, principalmente no que se refere ao efeito de um rebaixamento da possibilidade reflexiva de pensamento. (NOVAES, 2013, p. 81-82)

O ser humano em sua totalidade não é feito de imediatez, e sim, por um longo período de aprendizagens e formações. Tal formação poderá variar de pessoa para pessoa, cada qual com seu valor e ideal de conquista. Muitas vezes, influenciados pelo poder midiático, a mídia está com o poder de persuasão nas mãos, para conquistar cada vez mais seus usuários a consumirem produtos “fitness” com mais frequência, buscando atingir o físico escultural.

[...] Vivemos em uma “cultura de máscara”, na qual meios de comunicação de massa seriam criadores e divulgadores, ao mesmo tempo, dos cânones de beleza corporal a ser simultaneamente almejados e freneticamente consumidos em uma espécie de “neurose social”, pela qual os produtos são apresentados com um único intuito, o de escoar o excedente cada vez maior dessa produção incessante. (NOVAES, 2013, p. 82-83)

A neurose social, por sua vez, é um conjunto de fatores que de modo subjetivo incentivam a sociedade a um modelo de corpo desejável, escultural. Porém, dotado de máscaras, que mostram o descaramento de si. As pessoas passam a viver em um mundo que não lhe pertence por natureza, elas passam a viver em tal mundo, apenas para passar a fazer parte, ou seja, está inserido no novo grupo social.

No capítulo seguinte analisaremos as características existentes entre as obras “*O intolerável peso da feiúra e seus corpos*” e o “*Filme Shrek*” lançado em 2001 pela Dream Works, a fim de tratarmos a temática do olhar humano sobre o corpo.

CAPÍTULO II- O OLHAR HUMANO SOBRE O CORPO

O cuidado com o corpo é uma prática que existe desde a existência da humanidade. No entanto, com a ascensão da estética como elemento fundamental da beleza passamos a viver em função do nosso corpo e tudo que fazemos está ligado à procura do nosso próprio bem-estar, seja um simples fato de tomarmos um banho, escovar os dentes, cortar os cabelos, manter uma boa alimentação, buscando conquistar assim, o corpo belo e desejável oriundo do esforço que cada indivíduo faz, de acordo com o seu ideal de beleza corporal.

Mas voltemos ao momento histórico localizado na virada do século XIX para o XX. Parece ter sido este um marco na história por nós aqui reproduzida, com inúmeros eventos que cercaram a nova moda-revistas, concursos, contratos para apresentações públicas, etc. Tudo isso determinou a voga do *bodybuilding*, termo que passou a determinar a construção da massa muscular desligada da idéia de força e saúde (o belo pelo belo, simplesmente reduzido à sua condição visual), pelo uso de pesos e exercícios com máquinas-aquilo que se desenvolveria na prática da musculação, tão presentes nas academias de ginástica, mais comumente frequentadas nos últimos 20 anos. (NOVAES, 2013, p. 124)

Ter um corpo bonito e desejável aos olhos de quem vê, traz implícita a questão de hábitos adquiridos a partir de valores culturais vivenciados no nosso dia a dia. Com isto, as pessoas adotam para si, e buscam a qualquer custo, corpos desejáveis, não para si, mas para outros de acordo com o padrão estético que a sociedade e os meios de massa expõe e exige.

Em pleno século XXI, os paradigmas sociais moldados nas últimas décadas e adequados à sociedade, interagem cada dia mais rápido com o uso dos meios de comunicação, sejam eles, a televisão, cinema, ou até mesmo a internet com a utilização das redes sociais, que acabam por exercer forte influência no agir das pessoas, que como resultado moldam seus corpos, conforme a conveniência social. Porém, quando as pessoas não conseguem atingir o tão sonhado corpo surge a frustração e a depressão, doença mal do século XXI, segundo especialistas:

No mundo moderno, notoriamente instável e constante apenas em sua hostilidade a qualquer coisa constante, a tentação de interromper o movimento, de conduzir a perpétua mudança a uma pausa, de instalar uma ordem segura contra todos os desafios futuros, torna-se esmagadora e irresistível. Quase todas as fantasias modernas de um “Mundo bom” foram em tudo profundamente antimodernas, visto que visualizaram o fim da história compreendida como um processo de mudança. Walter Benjamin

disse, da modernidade, que ela nasceu sob o signo do suicídio; Sigmund Freud sugeriu que ela foi dirigida por Tânatos - o instinto da morte. As utopias modernas diferiam em muitas de suas pormenorizadas prescrições, mas todas elas concordavam em que o “mundo perfeito” seria um que permanecesse para sempre idêntico a si mesmo, um mundo em que a sabedoria hoje aprendida permaneceria sábia amanhã e depois de amanhã, e em que as habilidades adquiridas pela vida conservariam sua utilidade para sempre. (BAUMAN, 1998, p.21)

Pode-se dizer que a modernidade nada mais é que um conjunto de atitudes nada modernas, as quais não possuem instabilidade, são algo que está hábito a mudanças, mudanças essas que irão depender do olhar da sociedade em consonância com momento vivido. Parafraseando os escritores Walter Benjamin e Sigmund Freud, podemos atrelar a modernidade ao suicídio, a morte. É algo que foi criado pelo povo e que aos poucos destroem os mesmos em sua maioria.

A busca desenfreada de satisfação parece ser a marca da cultura narcísica contemporânea - o imperativo é de que sejamos felizes ou, pelo menos, que apresentemos uma imagem superficial e aparente de felicidade. Ter aparência feliz significa um superinvestimento no corpo, já que parece existir um consenso entre os teóricos da área sobre a queda e extinção de antigos ideais. (NOVAES, 2013, p. 157)

Tal como colocamos no início do capítulo, o corpo cultuado como representação do belo, da perfeição na contemporaneidade, diverge de outrora. Houve momentos em que o corpo foi símbolo de vergonha, era resguardado da vista de todos e expô-lo ao público trazia a desonra. Contudo, com o passar do tempo o corpo tomou proporções tais que, como vimos, passou a ser sinônimo de felicidade, de realização quando se atinge o paradigma exigido pela sociedade. É a satisfação efêmera, atrelada à ideologia de consumo vigente na sociedade contemporânea, a qual evidencia tudo aquilo que é passageiro, ou seja, de aspecto não duradouro, assim o é, com corpo e com os sentimentos. A aparência sede primazia a consciência, o ser é evidenciado de modo supérfluo e ínfimo torna-se produto de uma prática ditadora.

A imagem da juventude, associada ao corpo perfeito e ideal, envolve noções de saúde, vitalidade, perpassando por diversas faixas etárias, o dinamismo do culto ao corpo atinge de maneira rápida as pessoas pelo fato dos dias de hoje o acesso a informações, sejam elas, através de revistas, jornais, televisão, blogs, e diversos tipos de redes sociais as informações

chegam com mais facilidade e rapidez aos seus usuários. Com isso, o corpo vem sendo pauta nesses diversos setores de informação, em que os manuais de emagrecimento prometem o emagrecimento rápido, prometendo dietas cada vez mais infalíveis para as mulheres conseguirem conquistar o corpo desejado, livre de gordura, corpo esbelto e até mesmo moldado.

Na era virtual, no mundo globalizado em que estamos o corpo virou assunto nacional, marcada pelo consumo e individualismo. A busca incessante pelo corpo perfeito, o indivíduo passa perder-se nas exigências sociais. A partir do momento que vemos corpos considerados perfeitos na mídia social, que nos parecem ser irrealis, e inatingíveis. E quando pessoas que buscam esse efeito em seu corpo, surge o sentimento de impotência e ainda mais ansiedade em torno dos cuidados com o corpo.

A crise de valores e significações que o corpo passa na contemporaneidade, parecem colocar o corpo sempre em primeiro lugar, como se a vida dependesse unicamente e exclusivamente disso, perpassando por qualquer maneira que seja para se conquistar o corpo dos sonhos. O corpo passou a ser alvo de críticas, elogios, olhar dos holofotes e conquistas de vencedores, motivos de alegrias, mas ao mesmo tempo de desilusões.

O belo corpo está ligado ao trunfo ideal, quando conquistado pelas mulheres, pois são elas, as mais cobradas pela sociedade, para que se tenha um corpo exercitado e moldado de acordo com as concepções da sociedade. Para a sociedade julgadora e massificadora, os indivíduos como um todo, somente serão felizes se estiverem no padrão corporal da moda.

O indivíduo, é postado à prova todos os dias, a descobrir seus próprios limites e conquistas em adequar-se, e manter-se magro, pondo em prática seu potencial.

O corpo feminino passou a ser um território que exala sensações e conquistas, envolvendo a sedução.

No entanto, nos dias atuais a mulher chega a ser vista como um corpo decadente quando seu corpo não agrada mais aos olhos de quem a vê. Por isso, percebemos a necessidade de se trabalhar com a Literatura Infantil para quebrar tais paradigmas, iniciando da infância.

Atualmente temos a literatura infanto-juvenil a favor dos professores e das pessoas de modo geral, ajudando crianças e adultos a tornarem-se conscientes e responsáveis em seus futuros atos, na formação de identidade através do ensino, valores humanos e sócio-culturais. O corpo não define caráter, ajudando a não utilização desses preconceitos, para que assim, as diferenças sejam entendidas e respeitadas.

Maria José Palo e Maria Rosa D. Oliveira na obra *Literatura Infantil Voz de Criança* cita que desde os primórdios, a *literatura infantil* surge como uma forma literária menor, atrelada à função utilitário-pedagógica que a faz ser mais pedagogia do que literatura.

Contar histórias para crianças sempre expressou uma ato de linguagem de representação simbólica do real direcionado para a aquisição de modelos lingüísticos. O trabalho com tais signos remete o texto para alguma coisa fora dele, de modo a resgatar dados de um real verossímil para o leitor infantil. Este, tratado fisionomicamente sob o “modo de ser” do adulto, reflete-se para a produção infantil como um receptor engajado nas propostas da escola e da sociedade de consumo. Deverá, sobretudo, apreender, via texto literário infantil, a verdade social.

Trabalhar com contos e filmes literários em sala de aula é uma boa maneira de quebrar tabus ou determinadas regras impostas pela sociedade preconceituosa a qual vivemos, para que as crianças consigam desde cedo, estabelecer uma relação entre o real e o imaginário, trazendo para a realidade os diversos tipos de pessoas, belezas e feiúras, tornando-se assim, adultos conscientes e fortes para enfrentarem seus próprios medos.

De fato, são temas de grande ênfase que podem e devem ser trabalhados em sala de aula, para trabalhar o processo de exclusão social devido às diferenças físicas que são julgadas.

Linda Hutcheon (1985) cita em sua obra “ Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do século XX ” o conceito de paródia na modernidade, utilizando as tradições artísticas nas obras de artes, as repetições ridicularizadas em um modelo de imitação, caracterizado pela distância crítica, que nem sempre é caracterizada pelo riso, e sim, pela própria crítica e subversões da nossa sociedade, mas de maneira suave, sem agredir ninguém em seu paralelismo.

A autora enfatiza que cada modalidade artística possui suas próprias características de recontextualização da tradição, sem esquecer dos problemas e conhecimentos humanos.

A paródia é das formas mais importantes da moderna auto-reflexividade; é uma forma de discurso interartístico. Basta pensarmos na obra de romancista como Italo Calvino ou Fowles para vermos a formulação mais aberta e explícita da sua natureza e função na ficção. Mas a paródia é igualmente importante noutras formas de arte... (HUTCHEON, 1985, p. 5)

No entanto, para que a paródia seja bem executada, é necessário que o autor tenha conhecimento de assuntos do passado, mas que traga-o para a realidade atual. Entretanto é necessário que leitor/ouvinte estejam em pé de igualdade de conhecimento, para que haja de fato a comunicação.

Os estudos levantados por Linda Hutcheon compreende que a paródia é uma repetição com diferença, um modelo denominado de *transcontextualização*, que é uma inversão e revisão crítica que remete à arte moderna e sua tradição.

A paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo. Versões irônicas de “transcontextualização” e inversão são os seus principais operadores formais, e o âmbito de *ethos* pragmático vai do ridículo desdenhoso à homenagem reverencial. (HUTCHEON, 1985, p.54)

A paródia pode ser caracterizada como uma forma de imitação irônica de fatos ocorridos anteriormente. Por isso, a importância de trabalhar com a temática do corpo feminino, da beleza a partir da análise do filme Shrek, cuja narrativa é inovadora e atraente, pois, há uma inversão de lógica, a qual estamos acostumados a assistir em filmes e histórias infantis, em que, adaptações de paródias são recorrentes na modernidade.

O filme trata de um conto de fada, em que o personagem principal é um Ogro que se chama Shrek, que leva o próprio nome do filme. O enredo é uma releitura dos tradicionais contos de fadas, a qual os personagens principais são o príncipe e a princesa, que são fisicamente belos e perfeitos. Entretanto, Shrek vem a desconstruir essa análise perfeita dos contos de fadas, atribuindo assim, uma nova roupagem atualizada e contemporânea, a qual as pessoas acham que a felicidade, e ser moderno estão ligados somente à aparência física.

2.1 – SHREK, O FILME

Começamos pelo enredo do filme Shrek. O personagem Shrek é um ogro que vive em um mundo de criaturas lendárias, retirado das histórias infantis tradicionais, lança-se involuntariamente numa aventura de resgate de uma princesa que vive presa em uma torre de um castelo vigiada por um perigoso dragão. O filme inicia com a imagem de livro de conto de fadas fechado, e aos poucos as páginas vão se abrindo e o narrador começa a narrar a estória. É um filme dinâmico, seja pelo divertimento, seja pela história de amor, e ao mesmo tempo, moderno. Focaliza a cultura que adquirimos numa sociedade hipócrita, machista e determinista.

Lançado em 2001, é uma produção dos estúdios PDI/Dreamsworks-EUA, dirigido por Andrew Adamson Vicky Jenson, baseado no livro de William Steig escrito por Ted Elliott e Terry Rossio. Baseado nos contos de fada, mas com uma nova roupagem. O filme adapta-se aos dias atuais e tem como principal argumento, parodiar os contos de fadas, mostrando que os personagens fictícios incorporam uma vida real e vivem em nosso tempo, sempre em busca da felicidade através de status e aparência, abordando também as atrações mútuas entre as diferentes classes sociais.

Um dos elementos que fortalece a releitura paródica e, portanto, pós-moderna dos contos de fadas tradicionais, é o corpo e a cultura que o circunda já que nos contos de fadas, os heróis costumam ter um corpo magro/musculoso, de pele branca, cabelos loiros e olhos de cor clara, sejam azuis ou verdes, o que leva o imaginário das crianças a crer que somente pessoas com essas características podem ser felizes, incluindo o alcançar uma classe social elevada. Usar roupas de princesa ou que estejam na moda, e que nunca envelheçam, ter uma pele linda, sem rugas ou quaisquer marcas de expressões no rosto inserem a criança num imaginário medieval europeu fantástico, portanto, fantasioso. Ou seja, que a leva pra longe da realidade social a qual ela está inserida. As crianças passam a esperar assim, encontrar o príncipe encantado montado em um cavalo branco, que seja também educado, gentil e tenha um corpo másculo, para que futuramente possa salvá-las dos futuros riscos que possam vir a passar no decorrer da vida.

Essa visão de corpo construída pelo imaginário infantil contado a partir dos contos de fada, tornou-se nos dias atuais algo determinante para a nossa sociedade, na qual o que mais vale é a beleza exterior. O que contrasta com a realidade atual pois, pode-se tratar da falta de caráter dos príncipes encantados, que na verdade é o que as mulheres mais encontram nos dias de hoje, homens sem o mínimo de caráter, que usam e abusam da fraqueza das mulheres.

O filme Shrek também trata, principalmente, do romance de anti-heróis, como foi citado logo acima, o que torna-se assim, inevitável as referências e comparações ao mundo moderno, a cultura pop em que a maioria do povo vive.

O personagem que dá nome ao filme, embora sendo o centro da história, não é o herói que se está habituado a assistir em nossas telas. Shrek, ironiza a si próprio e seus comportamentos que não são dignos de um futuro príncipe, tal como apresentada pela imagem clássica. Pelo contrário, seus hábitos e sua aparência são destoantes dos belos contos de fadas tradicionais, ele é cínico, individualista e egocêntrico. Shrek vive solitário em um pântano, a partir deste fato, pode-se compreender que o mesmo auto se exclui de uma sociedade preconceituosa, demonstrando sua frustração e resignação por inúmeras falhas de inserção na sociedade, por ser como é.

O seu par romântico, é a princesa Fiona, uma moça que não gosta da sua realidade atual, mesmo sendo uma princesa que mora em um belo castelo, e possui todas as regalias dignas de uma princesa, ela esconde um grande segredo. Quando criança foi enfeitiçada, durante o dia é uma linda princesa, à noite transforma-se em uma ogra verde, feia e gorda. O feitiço só poderia ser quebrado quando ela recebesse um beijo de amor verdadeiro.

Algum tempo depois, na narrativa, surge um Burro falante muito espirituoso, característica contrária a de Shrek e, ao mesmo tempo irônico. Logo após algumas desconfianças do Shrek, o Burro o convence a se tornarem amigos e, assim, surge uma amizade entre os dois.

No filme aparecem também alguns personagens tradicionais dos contos de fadas, tais como: a Branca de Neve, Pinóquio, os Três Porquinhos, Cinderela, dentre outros. Esses personagens surgem em seu pântano, porque foram expulsos de seus lugares pelo poderoso Lorde Farquaad do seu palácio. O palácio do Lorde Farquaad simboliza o reino perfeito, impecável. Mas, quando o Lorde descobre que as criaturas dos contos de fada moram no mesmo lugar que o Shrek, o chama para terem uma conversa e pede a retirada desses personagens dos contos de fadas do seu pântano, com a proposta que ele fosse buscar uma princesa que vivia aprisionada na torre de um castelo muito distante, vigiada por um dragão, e com essa conquista Shrek teria seu pântano somente para si novamente e assim, o Lorde poderia casar-se com a tal princesa.

Shrek aceita a proposta e sai em busca da princesa aprisionada, chegando lá, resgata a princesa e a traz de volta para seu reino, no meio do caminho a princesa que se chama Fiona insiste em acampar e passar a noite onde estavam, porque já estava anoitecendo, e ela não queria continuar a viagem, então, decidem acampar em uma caverna. No dia seguinte,

retomam a viagem de volta para casa e encontram o Robin Hood e seu bando, a princesa é quem acaba lutando contra o bando de Robin Hood, e Shrek fica apenas observando a atitude de Fiona.

Após andarem bastante, anoitece mais uma vez e eles decidem acampar novamente, é quando o Burro descobre que a princesa também é uma ogra, igual ao Shrek. No entanto, ela se esconde para que todos não conheçam sua verdadeira história. Talvez, por medo da sociedade que tanto julga pela aparência, a começar pelos seus próprios pais. Mas, Fiona pede que o Burro não conte nada a ninguém, nem mesmo ao seu amigo Shrek. Revelando seu segredo ao Burro, a princesa diz que toda vez, ao pôr-do-sol se transforma nessa “horripilante imagem”, e até encontrar seu amor verdadeiro, o feitiço não será desfeito. O feitiço só será quebrado com um beijo de amor puro e verdadeiro. Ela conta que quando era menina, uma bruxa a enfeitiçou e a aprisionou naquele castelo até a chegada de seu príncipe encantado. O que ela não esperava, era encontrá-lo no caminho da floresta. Entretanto, em uma época em que pessoas de classe diferente não podiam se apaixonar por haver resistência por parte da família de um nível social mais elevado, mesmo assim, acaba surgindo o amor entre Shrek e Fiona.

O grande objetivo de Lorde Farquaad era fazer do seu reino, um reino perfeito, mas para isso, lhe faltava uma princesa, e que a mesma também fosse perfeita. O Lorde quer essa perfeição a todo custo, e não importa o que ele teria que fazer para conseguir a sua princesa.

É chegado o dia do casamento da princesa Fiona e o Lorde Farquaad no castelo de Duloc. Fiona se prepara para o casamento cheio de glamour, sofisticação, com seu lindo vestido de noiva, porém, pensando em seu grande amor, Shrek. De volta ao seu pântano, Shrek entristecido pelo casamento da princesa acaba discutindo com o Burro falante, que por sua vez, lhe diz algumas verdades e o ajuda a voltar ao castelo de Duloc e a não desistir do seu verdadeiro amor. De volta ao castelo, Shrek acaba por revelar o seu amor à Fiona no meio da cerimônia de casamento.

Fiona se desespera ao ver o pôr-do-sol chegando e teme se transformar em ogra em meio aos convidados. O casamento demora a se realizar e acaba por acontecer o que a princesa tanto temia. Ao ver a princesa transformada em ogra, Farquaad depressa pega a coroa coloca em sua cabeça e se auto intitula rei, e ainda ordena que seu exército prenda Shrek e Fiona. Mas, Shrek luta com os soldados. Nesse momento, o Dragão amigo do Burro acaba por invadir o palácio e mata o Lorde Farquaad, devorando-o.

Em meio a toda essa confusão, Shrek aproveita o momento e declara seu amor a sua amada, e por ser o amor verdadeiro, Fiona acha que o feitiço será quebrado, mas engana-se,

ela agora não possui, mas nenhuma feição de princesa dos contos de fada, *Fiona torna-se definitivamente uma ogra*, e não mais somente quando chega o anoitecer. Ao perceber que não voltou a ser uma linda e delicada princesa como antes, Fiona se decepciona. Mas, logo percebe que a verdadeira felicidade não está apenas na aparência física, e sim, no amor verdadeiro que ambos sentem um pelo outro. Shrek a elogia dizendo que agora ela está realmente linda. Casam-se, e logo, eles partem para a lua de mel.

Após o retorno da lua de mel, os pais de Fiona convidam os dois para irem morar no palácio, eles aceitam a proposta, mas Shrek sempre desconfiado por certas atitudes do rei, seu sogro.

Shrek consegue um cargo público, porém, em todas as eleições que há, ele vota no partido de esquerda, confrontando os ideais de uma cultura dominadora e dos princípios do rei, caso típico de uma sociedade dominadora a qual vivemos.

Não passando muito tempo no castelo, Shrek não se adapta aos costumes e tradições do Rei, ele não se curva a qualquer que seja os padrões de comportamento e cultura do palácio, sejam eles: moral ou estéticos, e logo decide voltar para seu pântano, pois não se sente bem naquele local onde todas as pessoas vivem olhando de cara feia para ele, e agindo contra os seus princípios, em que o que prevalece é a lei de quem tem mais. No caso, as ordens do Rei.

Shrek e Fiona vão morar no pântano, mesmo com uma vida simples e sem regalias, Fiona acaba por se acostumar ao novo modo de vida e vivem felizes para sempre. Ou, feios para sempre, como as personagens afirmam no filme.

Contudo, podemos perceber que Shrek é um Ogro e não quer mudar suas feições, nem seu comportamento para agradar às pessoas, e Fiona acaba compreendendo e aceitando seu corpo como é.

O filme Shrek além de ser uma história atrativa e moderna, conta uma história de amor. Mas, também trata o lado político. Shrek é um personagem que defende seus próprios interesses, sem se dobrar aos caprichos da sociedade que tenta manter certos padrões estéticos e concessões morais, e acaba por mostrar a Fiona que a melhor maneira de se viver, é feliz com aquilo que somos e podemos ser, sem ser rodeado por falsidade e ganância pelo poder, mostrando assim, que a mulher é linda do jeito que é, não precisa demonstrar ou aparentar ser uma mulher bela exteriormente, apenas para agradar à sociedade, e não ser feliz de fato.

O filme mostra que beleza não é imprescindível, uma vez que relativiza os parâmetros de beleza, apontando para a beleza interior, para o caráter e não na beleza externa, e foi assim, que Fiona apaixona-se por Shrek do jeito que ele é, com seus defeitos e qualidades.

Qualidades essas, que nós perdemos a cada dia, a partir do momento que deixamos de conquistar nosso verdadeiro amor/objetivos por pessoas/coisas que não estão de acordo com o nosso caráter, e sim apenas ligada a ambição. É por isso, que baseamos-nos no filme Shrek para tratarmos dos assuntos relacionados à beleza feminina, dietas, academia e obsessões ligadas ao embelezamento a qualquer custo, de maneira irresponsável muitas vezes.

Shrek é um filme que resgata a temática da beleza e do corpo para tratar de situações do dia a dia. No entanto, os personagens possuem valores que perpassam os valores que os humanos têm, focando a confiança na base do amor e do carinho. Valores esses, que os seres humanos em sua maioria não possuem, preferem a beleza exterior, ao invés do amor.

2.2– SHREK E A TENTATIVA DE PADRONIZAÇÃO DOS INDÍDUOS

Um dos fatores que influenciam o nosso conhecimento em relação ao mundo pode ocorrer a partir da observação das particularidades de cada indivíduo, as mesmas são garantias de individualidade. Somente dessa maneira o indivíduo pode não ser suscetível a um nível de padronização do comportamento, gosto e corpo que a sociedade exige ou busca exercer influência.

Nós, seres humanos, fomos educados ou adestrados para concordarmos, e correspondermos às exigências do olhar do outro “È por isso que a chegada de um estranho tem o impacto de um terremoto... o estranho despedaça a rocha sobre a qual repousa a segurança da vida diária...” (BAUMAN, 1998, p. 19)

O homem livre em suas atitudes e pensamentos é aquele que não se submete a determinados padrões, os quais o indivíduo não se encaixa. Conquanto, prefere ser quem realmente é. Isso é o que acontece com o nosso “príncipe” Shrek e a nossa “princesa” Fiona, que não se deixam cair nos critérios de uma sociedade que tenta manter apenas as aparências, é a famosa frase que usamos popularmente, é ser bonito por fora e feio por dentro, o que não leva nenhum indivíduo a lugar nenhum, o que o torna adepto da mimese platônica, fazer o que o outro faz, é a repetição da repetição, é colocar-se como mero simulacro do outro.

O pensamento moderno, em sua maioria tem como princípio básico a compreensão da diferença como um desvio do padrão da normalidade. A qual é marcada por estereótipos vinculados a sua incapacidade, seja do padrão de beleza, seja na sua incapacidade de atuação profissional, dentre outros. Com isso, as pessoas que se enquadram nesse “grupo” de discriminações e preconceitos, em sua maioria, se isolam da sociedade por se sentirem diferentes, estranhas como no caso dos nossos personagens Shrek e Fiona. Pensamento este, distorcido da realidade já que, todos somos iguais, independentemente de raça, cor, religião, corpo. Tal como discute Bauman:

Psiquicamente, a modernidade trata da identidade: da verdade de a existência ainda não se dar aqui, ser uma tarefa, uma missão, uma responsabilidade. Como o restante dos padrões, a identidade permanece obstinadamente à frente: é preciso correr esbaforidamente para alcançá-la. E, portanto, se corre, puxado pela esperança e impelido pela culpa, embora a corrida, por mais rápida que seja, pareça estranhamente arrastada. Precipitar-se para frente, em direção a identidade perpetuamente tentadora e perpetuamente inconsumada, assemelha-se a recusar da defeituosa e ilegítima realidade do presente. Tanto social quanto psiquicamente, a modernidade é irremediavelmente autocrítica: um exercício infidável e, no fim, sem perspectivas, de autocancelamento e auto-invalidação.

Verdadeiramente moderna não é a *presteza* em retardar o contentamento, mas a *impossibilidade* de ficar contente. Toda realização é meramente uma pálida cópia do seu modelo. “Hoje” é meramente uma incipiente premonição do amanhã; ou antes, seu reflexo inferior e desfigurado. *O que é* cancelado de antemão por *o que virá*. Mas extrai o seu alcance e o seu sentido – seu único sentido – desse cancelamento. (BAUMAN, 1998, p. 91-92)

No mundo em que vivemos, o mundo da imagem contemporânea vale mais do que o próprio caráter humano. Nossa cultura exhibe imagens de mulheres com corpos bem trabalhados, definidos, malhados, porém, isso não acontece com a nossa personagem Fiona, que no início da história é uma linda princesa, mas que está enfeitiçada para não mostrar o seu “eu” verdadeiro, por medo das críticas de sua própria família e da sociedade machista, a qual vivemos. Mas que no desenrolar da história, a princesa tem seu encanto quebrado, e torna-se uma ogra, que não convém aos padrões de beleza feminina que a sociedade rotula.

Logo, a velhice é encarada como uma forma de feiúra, e também como uma forma de decadência a qual mulher pode chegar. Em oposição ao culto pela juventude, as imagens refletem corpos jovens, com uma forma exuberante, lutando contra o tempo. Tempo este, que é visto como inimigo das mulheres, quando se busca atingir corpo bonito, e conquistar o retardamento contra o envelhecimento.

Ao criarmos imagens sobre o “eu” e sobre o outro, criamos, muitas vezes, uma fantasia sobre um outro que deve ser temido por ser estranho, diferente. Segundo o autor, discursos e imagens são construtores de tramas ideológicas que criam a rejeição ao outro, ao que me é diferente. (NOVAES apud ZIZEK, 199, p.77)

Os personagens Shrek e Fiona não detêm os princípios da boa forma, como dita a nossa massacrante cultura, que para a mulher, é um dever cultural ser bela, cujo significado é ser magra, e nos dias de atuais não basta ser apenas magra, tem que ser malhada, ter músculos definidos.

A questão da finalidade da vida humana já foi posta inúmeras vezes. Jamais encontrou resposta satisfatória, e talvez não a tenha sequer. Muitos dos que a puseram acrescentaram: se a vida não tiver finalidade, perderá qualquer valor. Mas esta ameaça nada altera. Parece, isto sim, que temos o direito de rejeitar a questão. O seu pressuposto parece ser aquela humana soberba de que já conhecemos tantos exemplos. Ninguém fala sobre a finalidade da vida dos animais, a menos que ela consista em servir aos homens, talvez. Mas isso também não é sustentável, pois com muitos animais o ser humano não sabe o que fazer-exceto descrevê-los, classificá-los, estudá-los-e inúmeras

espécies animais se furtaram também a este uso, ao viver e se extinguir antes que o homem as visse. (FREUD, 1930, p. 20)

As representações do ser belo, transmitida pela mídia, nos influenciam e nos transmitem certos costumes para com o nosso corpo, nos indicando como devemos agir, pensar e ser.

No século XVI, a gordura era exaltada, enquanto a magreza era sinônimo de maldade de acordo com as peças de teatro de Shakespeare. A gordura nessa época era sinônimo de fartura, riqueza, e confiança, enquanto, no dias atuais na dramaturgia, a magreza era a representação da maldade, ambição, astúcia. No entanto, aos poucos a obesidade foi perdendo seu posto diante da sociedade, e hoje é característico de exclusão social. (NOVAES, 2013, p.115)

Logo, essas imagens são carregadas de significações que transmitem e tentam passar suas máximas como verdades, ensinando ao sujeito os modos de ser e estar na sociedade e na cultura em que estão inseridos. Por isso, a importância de se trabalhar com contos infantis, como artefato cultural para a construção da subjetividade dos indivíduos.

O artigo “Shrek no divã: um outro corpo nos contos de fada?” publicado por Joana de Vilhena Novaes e Ricardo Mendes Barros (2013) trata da importância de trabalhar com filmes infantis, pois os filmes é algo cultural e que tornou-se de grande importância para a constituição das identidades das crianças. Logo, o crescente avanço tecnológico está aliado a facilidade da grande maioria da população, o que a torna acessível e popular, fazendo com que as pessoas tenham acesso facilitado.

Estudos culturais nos mostram a necessidade de tomarmos a indústria da mídia, como uma pedagogia cultural, sendo assim um possível objeto de análise. Os filmes infantis também fazem circular discursos e representações que auxiliam na construção das identidades e subjetividades das crianças e também dos adolescentes.

Conforme podemos observar, a personagem Fiona é uma mulher típica de uma sociedade preconceituosa, em que ela tem que esconder sua verdadeira aparência física, por medo do que as pessoas irão pensar a respeito. No entanto, a partir do momento que Fiona encontra com Shrek e os dois se casam, a princesa passa a ouvir os ensinamentos de seu amado, que o que mais importa nas pessoas são o caráter e o que elas verdadeiramente são. A aparência física são fatores relevantes, a qual temos que nos assumir, nos aceitar, para a partir deste, as pessoas passem a nos respeitar e aceitar como realmente somos, para que possamos cuidar sozinhos de nossos próprios interesses.

Shrek enquanto um defensor da realidade e da aparência física natural, incentiva Fiona a tornar-se uma defensora de sua própria realidade, primeiro amando seu próprio corpo enquanto mulher e princesa, para que a partir disso, não permitir que outros indivíduos façam o que bem quiserem com eles por serem diferentes da maioria da sociedade, defendendo seus pontos de vista. O mesmo não se interessam andar bem vestido, ter bons costumes, ou adquirir padrões estéticos, morais, ou, ainda, ter relações sociais apenas para está inserido numa sociedade hipócrita.

Fiona aprende a se valorizar e aceitar seu corpo como de fato é, a partir do momento que ela conhece o verdadeiro amor de Shrek, que é um indivíduo autêntico, que prefere ser ele mesmo, sem precisar fingir ser uma pessoa que não é, apenas para agradar aos outros, ou se entregar ao socialismo burguês, não se rendendo aos paradigmas impostos pela sociedade.

Shrek é um homem típico, cujas qualidades não estão na beleza exterior, mas sim, na beleza interior de um indivíduo que não se deixa entrar na Era do socialismo. Diferentemente de Fiona que foi criada e educada numa sociedade burguesa, onde o que vale é o poder, é ter mais dinheiro e status perante a sociedade, e com isso, adquirir os costumes de tal sociedade. Após conhecer o amor, Fiona aprende que a felicidade é algo que não se compra, e sim, que se conquista. Nossa personagem de filme infantil prefere manter sua privacidade, morando no pântano após seu casamento, evitando de qualquer forma, o olhar preconceituoso da sociedade, que faz questão de manter as aparências, mesmo que sejam infelizes.

Na contemporaneidade, época na qual vivemos, não há mais uma esfera privada separada da pública, há uma mistura de ambas, em que a que sobressai, é a pública. Podemos chamar de corrupção da liberdade em tempos modernos.

A fruição da beleza tem uma qualidade sensorial peculiar, suavemente inebriante. Não há utilidade evidente na beleza, nem se nota uma clara necessidade cultural para ela; no entanto, a civilização não poderia dispensá-la. A ciência da estética investiga as condições em que o belo é percebido; sobre a natureza e origem da beleza ela nada pôde esclarecer; como de hábito, o insucesso é escondido numa prodigalidade de palavras altissonantes e pobres de sentido. (FREUD, 1929, p.27)

A sociedade direta e indiretamente é quem manipula a todos nós com suas constantes propagandas e incentivo midiático para comprarmos e usarmos cada dia mais produtos, cujo alegam fazer milagres instantâneos em quem adquire e usa tais produtos de beleza. Cujo efeito é imediato, para com isso, atingirmos o efeito imediato e inquestionável de beleza.

A sociedade juntamente com a mídia, acaba por nos cobrar uma beleza perfeita, o que realmente vale é apenas aquilo que os nossos olhos podem enxergar, que nesse caso é a beleza física, e o que lhe convém são os príncipes dos contos de fada.

No entanto, Fiona torna-se uma antítese perfeita das princesas dos contos de fada. Pois, a mesma acaba por não se enquadrar no ditame de beleza assim questionados, por ser ogra, verde, gorda e passar a não usar roupas e acessórios da moda.

Durante o enredo, Fiona passa por um processo de transformação, de princesa à uma ogra, com feições e certas características de mulher comum, igual todas as outras, de um castelo passa a morar em uma casa simples em um pântano, de um príncipe em um cavalo branco, a um ogro com um burro amigo. Contudo, Fiona aprende o lado bom da vida, e do seu bom coração, e que se apaixona por um homem digno de um príncipe encantado de verdade, Shrek. De fato, o que vale a pena, um príncipe lindo por fora e feio por dentro, ou um príncipe feio por fora e lindo por dentro? Cabe a cada pessoa fazer suas escolhas para se buscar a tal felicidade.

Segundo Joana Novaes no novo cânone, o corpo grotesco é interpretado como monstruoso, horrível e disforme, uma vez que espelha o retrato de uma sociedade na qual o pertencimento estava atrelado ao registro social, em vez de privado. Pouco a pouco, o corpo grotesco vai perdendo espaço para esse corpo que é perfeitamente acabado e rigorosamente delimitado, fazendo com que suas funções, anteriormente valorizadas, tornem-se. Agora, objeto de pudor e sejam privatizadas. (NOVAES, 2013, p.54)

Para tanto, o próprio Shrek expõe sua indignação de como as pessoas lhe tratam, com pavor, de modo asqueroso, querendo até mesmo matá-lo “é o mundo que parece ter um problema comigo, as pessoas olham para mim e ah! Socorro! Corram! Um ogro, enorme e horrível! È por isso, que estou melhor sozinho” (SHREK, 2001)

Com a fala do personagem, pode-se perceber que o estereótipo da beleza vem provocando várias discussões sobre o tema, na tentativa de identificar até que ponto a busca desenfreada pela beleza e corpo sarado vem afetando a vida das pessoas, principalmente, as mulheres, por isso, que vemos tantos casos de mulheres que por estarem um pouco acima de seu peso ideal, acabam por se privarem de fazerem o que gostam, por medo do olhar de críticas da sociedade. Não se cabe julgar ninguém pela maneira que se decidem viver, nem tampouco, pelo corpo que se quer ter, cada qual é feliz ao seu modo.

A essa valorização da beleza, pode-se citar como exemplo, os próprios contos clássicos infantis, que por sua vez, os personagens são estereotipados. As princesas são sempre as meninas que tenham cabelos loiros, lisos, olhos azuis ou verdes, e acima de tudo

magra. Os príncipes são sempre os meninos com traços heróicos, fortes e bem dotados de encantos. E as bruxas, são mulheres mais velhas que não provém de uma beleza tão acentuada, dotadas a fazerem bruxaria, maldades às crianças, ou até mesmo, as madrastas que foram personificadas como tal.

Mas será que para ser conto de fada precisa realmente seguir essa ordem de fatores? Na modernidade, essa questão está cada vez mais personificadas com novas modalidades e realidades de príncipes e princesas, os mesmos estão a cada dia mais próximo da realidade da grande sociedade, abordando assuntos que acontecem no nosso dia a dia, mas no entanto, não deixa de exaltar a beleza feminina e ainda, a boa forma. Mas, aos poucos, podemos perceber que essa realidade vem mudando.

A partir das análises realizadas, percebemos que a estética corporal ainda prevalece no nosso cotidiano, as mulheres mais “cheinhas” são rotuladas, apontadas, e muitas vezes ridicularizadas, as mesmas além de ter que enfrentar tais preconceitos, ainda tem que lidar com a falta de opções e acomodações adequadas, sejam em lojas de roupas, sapatos ou ate mesmo lugares acessíveis em carros e ônibus, esses são alguns motivos que levam à exclusão dos grupos sociais nos dias atuais. E para que esse paradigma seja quebrado, é necessário que mudemos a nossa maneira de pensar e agir, e não nos deixemos levar pela opinião dos demais. Agirmos como o nosso príncipe Shrek e nossa princesa Fiona.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as articulações expostas neste trabalho, a partir de autores, artigos e sites utilizados ressaltamos a relação existente entre a beleza e a mulher na contemporaneidade.

Tanto Shrek quanto Fiona, servem de modelo para se identificar tanto na ficção como na realidade, homens e mulheres enfrentam diariamente o pré-conceito e exclusão de uma sociedade hipócrita, que nos influencia a nos tornarmos todos iguais em relação ao corpo.

As pessoas podem mudar o cabelo, as unhas, o corpo. Mas, o que sempre irá prevalecer é a essência que carregam dentro de si, de que vale ter um corpo aparentemente bonito, mas ter sua alma poluída de coisas ruins? O que realmente vale a pena é aceitar-se como é, e aprender a conviver uns com os outros.

Não podemos deixar que a mídia, os meios de comunicação de massa em geral conduzam as nossas vidas, de maneira que venha a nos afetar ou até mesmo nos prejudicar. Devemos utilizar esses meios a nosso favor, mas que seja de maneira saudável e consciente, adequando e balanceando tudo que seja a favor do nosso corpo.

O corpo perfeito segundo a sociedade é um corpo magro e esbelto. As mulheres e principalmente, adolescentes tem uma grande insatisfação com o corpo que tem, ora odiando, ora malhando incansavelmente para atingir o corpo desejado, a partir do que se vê na mídia. A ditadura da beleza ganhou e vem ganhando cada vez mais status perante a sociedade, fazendo assim, que as mulheres se submetam a diferentes meios para realizar o desejo de ter medidas perfeitas.

Com essa busca desenfreada pelo corpo perfeito, as mulheres acabam por submeter-se a uma padronização de aparência, sob o risco de cada mulher perder sua individualidade. Tornando-se iguais umas às outras.

A feiúra vem sendo discutida e associada exclusivamente à gordura, afetando principalmente as mulheres, e para eliminar essa indesejável feiúra que lhe é atribuída, a maioria das mulheres realizam todos os sacrifícios para exterminar os diversos tipos de feiúra, como assim, os chamam.

Mas, o que de fato é feiúra? É não ter um corpo esteticamente perfeito, igual às modelos, ou feiúra de verdade são os diversos tipos de discriminações que passamos e presenciamos no nosso cotidiano contra os pobres, negros, homossexuais, o trabalhador honesto. Enfim, há diversos tipos de feiúra que deixamos escapar aos nossos olhos e corações, e procuramos enxergar apenas aquela feiúra que nos convém, ao que nos agrada.

Diante dos problemas apontados nesse trabalho, pode-se perceber que autores de obras literárias e de filmes estão abordando cada dia mais temas como estes aqui citados, que são de tamanha importância para reflexão das crianças e adolescentes para a quebra de preconceitos na formação da identidade de cada um, ensinando valores e preceitos básicos. Somente assim, as diferenças podem vir a serem respeitadas.

Os problemas aqui mencionados focalizam a exacerbação do culto ao corpo, pois vemos várias pessoas perdendo suas vidas em uma mesa de cirurgia, visando adquirir um corpo igual ao seu ídolo ou um corpo malhado e musculoso apenas porque se divulga na mídia, ou a sociedade julga da moda, e caso as mulheres não tenham esse corpo, automaticamente são excluídas da sociedade.

Acima de tudo somos pessoas, e devemos ser conscientes de nossos atos. Será que realmente vale a pena sofrer tanto, investir tanto para se obter o corpo da moda? Por que devemos ter esse corpo? O que ganhamos com isso? Será apenas a satisfação de estar inserido em um círculo da sociedade ou será a satisfação de poder de conquista, de estar sempre nos pondo à prova de que somos capazes de conquistar tudo que queremos para aquele momento. São questionamentos que nos levam a pensar.

O ser humano sente a necessidade de transformação e de mudanças desafiadoras, e quando acompanhado pela incentivo da mídia, essa busca se propaga muito mais, somos levados/seduzidos facilmente pela mídia.

O filme Shrek, se apropria do mundo dos contos de fadas para tratar de questões reais, enfocando os relacionamentos humanos de um modo que nos leva à refletir sobre as complexidades que enfrentamos no dia a dia. No final do filme, os personagens optam por relacionamentos baseados no amor, perdão e acima de tudo na confiança, deixando de lado a beleza corporal. Enfatizando que o valor humano não pode ser baseado em mera aparência, o que deve prevalecer é o amor.

Não podemos deixar de ser autênticos apenas para agradar e satisfazer a vontade da sociedade que busca apenas vender seus produtos e não a felicidade das pessoas, acima de tudo o ser humano deve sentir-se bem consigo mesma da melhor maneira que lhe convir.

Nosso convite à reflexão se refere ao fato de creditarmos quase cegamente no uso de produtos e medicamentos divulgados pela grande mídia, que divulgam que com o uso de tais produtos, conquistamos a felicidade plena. Cabe a cada um de nós fazermos uso ou não, desses produtos.

A beleza é fruto do equilíbrio que temos que fazer para conquistarmos a verdadeira felicidade. A felicidade em si não depende somente dessas dietas e processos estéticos

mirabolantes, a verdadeira beleza está na nossa essência enquanto seres humanos. Concluímos que tudo é válido, quando é feito de maneira consciente e saudável.

REFERÊNCIAS

ADAMSON, Andrew & Vicky Jenson.(diretores). **Shrek (filme)**.Produtores: Jeffrey Katzenberg; Aron Warner; John H. Williams; DreamWorks SKG e Pacific Data Images

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. trad: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama: revisão técnica Luis Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed.1998.

BARROS, Clarissa.D. **A beleza e a feiúra** –Diálogos-Revista de estudos culturais e da contemporaneidade. Nº9-Maio/Junho-2013

BASTOS, Renata. **Shrek- o filme, análise fundamentada na estética da recepção**. Disponível em: <encipecom.metodista.br/.../GT6-_REGIOCOM-_05-_Shrek_o_filme-_Renata.pdf>.Acessado em: 24/02/2016

ECO, Umberto. **História da feiúra**. Trad: Eliana Aguiar. Resenha. Rio de Janeiro. Record, 2007

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos**; tradução Paulo César de Souza. Companhia das letras, vol.18. Ed.1930-1936. 1929.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Ensinaamentos das formas de arte do século XX. Lisboa: Ed. 70, 1985.

NOVAES, Joana.V. VILHENA, Junia. **Dormindo com o inimigo. Mulher, feiúra e a busca do corpo perfeito**. Disponível em: <www.joanadevilhenanovaes.com.br/corpoartigos.html.>Acesso em: 24/06/15. 2006

NOVAES, Joana.V. **O intolerável peso da feiúra: sobre as mulheres e seus corpos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio:Garamond, 2013.

NOVAES, Joana.V.; BARROS, Ricardo.M. **Shrek no divã: um outro corpo nos contos de fada?**.Disponível em: <projetophronesis.com/.../conto-a-prisao-dos-conceitos-beleza-e-feiura>. Acesso em: 10/06/15. 2009.

NOVAES, Joana. V. **Ser mulher, ser feia, ser excluída**. Artigo. Disponível em: <www.psicologia.com.pt.>Acessado em: 17/01/2016

VILHENA,J.; MEDEIROS,S.; NOVAES,J. **A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade**. Revista Mal estar e subjetividade. Disponível em: <www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/...01/visit.php?cid=44.>Acesso em: 15/01/15. 2005